

PREFÁCIO

O romance *Exaltação*, da escritora Albertina Bertha¹, cuja primeira edição ocorreu no Rio de Janeiro em 1916, ficou à sombra na história da literatura brasileira, embora a autora tenha sido “uma das mais originais e fecundas escritoras nascidas nos anos 80 do século XIX”, como observou Zahidé Muzart².

Trata-se de uma narrativa com passagens líricas, digressões filosóficas e pesquisa sobre o eu-profundo, guardando ainda uma tonalidade decadentista, mas, ao mesmo tempo, revelando uma postura crítica em relação à sociedade, já que põe em xeque a condição feminina da época. Nesse sentido, Bertha, como outras escritoras da passagem do século XIX para o XX, expõe um sentimento de revolta em relação à opressão da mulher na sociedade brasileira, a exemplo do que já havia surgido em outras produções literárias femininas, tal como no romance *A luta* (1911), de Carmen Dolores, pseudônimo adotado por Emília Moncorvo Bandeira de Mello (1852-1910, RJ), ao publicar as suas crônicas na coluna “A Semana”, do jornal *O País*³. As escritoras dessa época atuaram na imprensa, contribuindo com textos literários e informativos. Albertina Bertha escreveu para muitos jornais do Rio de Janeiro, entre os quais *O Jornal*, *O País* e *Jornal do Comércio*, e proferiu conferências sobre literatura e filosofia, reunidas nos livros *Estudos* (1ª série, 1920) e *Estudos* (2ª série, 1948).

Conforme já demonstraram muitas pesquisas, escritoras nascidas no final do século XIX foram mais felizes do que suas predecessoras, porque encontraram mais espaço para suas publicações, incluindo artigos em jornais e revistas, e nem sempre precisaram ocultar-se por trás de pseudônimos. Depois da II Guerra Mundial, essa liberdade expandiu-se e, conforme Muzart, isso “resultou em mudanças substanciais [...] para as mulheres, por lhes permitir maior liberdade de expressão, bem como o direito de trabalhar fora do âmbito restrito de seus lares, uma vez que exercer atividades na área pública era regalia só dos homens, até então”⁴.

1 Albertina Bertha de Lafayette Stockler (1880-1953)

2 MUZART, Zahidé Lupinacci. Albertina Bertha. In: MUZART, Z. L. *Escritoras brasileiras do século XIX* (org.) Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004, v.II, p. 921

3 Cf. VASCONCELLOS, Eliane. Carmen Dolores. In: VASCONCELLOS (org.). *Carmen Dolores. Crônicas 1905-1910*. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 1998, p. 11-20. Obs: Segundo Vasconcellos, *O País* era o jornal de maior tiragem da América do Sul.

4 MUZART, Zahidé Lupinacci. Introdução. In: op.cit., p. 23

A pesquisa sobre Albertina Bertha, desenvolvida por Anna Faedrich, é decorrente de alguns anos em que nos dedicamos à investigação sobre a formação e a consolidação do romance de introspecção no Brasil, realizada no Instituto de Letras da UFRGS e vinculada ao projeto de pesquisa intitulado “Espaços circunscritos e subjetividade: formação do romance de introspecção no Brasil (1888-1930)”, com apoio do CPNq. Muitos trabalhos de Iniciação Científica, TCCs, mestrados e doutorados originaram-se dessa pesquisa entre 2007 e 2010. A participação Anna Faedrich no grupo deu origem à sua dissertação de mestrado, defendida na PUCRS, em 2009, com o título *O romance de introspecção no Brasil: o lugar de Albertina Bertha*.

Na referida pesquisa, tínhamos uma vasta lista de autores e autoras desconhecidos ou pouco estudados pela crítica literária brasileira. Um dos nossos objetivos era, então, responder à questão latente sobre o motivo pelo qual esses autores foram excluídos do discurso historiográfico da literatura brasileira. Entre esses escritores, estão Albertina Bertha, José Barreto Filho, Rocha Pombo, Adelino Magalhães e Andrade Muricy, mas também escritores mais referidos, embora pouco estudados nos cursos de Letras, que surgiram na década de 1930, como Cornélio Penna, Lúcio Cardoso, Cyro dos Anjos e Lúcia Miguel Pereira. Na verdade, Lúcia Miguel Pereira não se consagrou por sua produção literária, mas, sobretudo, por dois de seus estudos literários: *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, de 1936, e *História da Literatura Brasileira: prosa de ficção (1870-1920)*, publicada em 1950⁵.

Ao investigar sobre a linhagem introspectiva do romance brasileiro, constatamos que muitas obras – embora mais divulgadas – não haviam sido analisadas sob essa perspectiva e outras, também dessa linhagem, nem eram referidas nos manuais de História da Literatura. Em realidade, as narrativas dessa vertente iam de encontro ao viés privilegiado pelo discurso sociológico da crítica, voltado à formação da nação e aos seus percalços.

Apesar disso, a geração simbolista, sobretudo francesa, repercutiu nos escritores brasileiros, filhos da elite que tinham possibilidades de ir à Europa ou tomar conhecimentos das manifestações estéticas do velho continente, através da leitura de obras importadas que chegavam ao Rio de Janeiro. *Mocidade Morta* (1899), de Gonzaga Duque, *Amigos* (1900), de Nestor Vitor e *No hospício* (1905), de Rocha Pombo são romances de teor simbolista, sendo que o último seria o melhor realizado. Por outro lado, no mesmo período, surgiram romances narrados em primeira pessoa, que, independente das coordenadas simbolistas, realizam incursões na subjetividade, através da rememoração do passado, na tentativa de compreendê-lo. O

5 Em 2006, a Editora da UFPR lançou a *Ficção Reunida*, de Lúcia Miguel Pereira.

Ateneu (1888), de Raul Pompéia, *Dom Casmurro* (1899), de Machado de Assis e *No hospício* (1905), de Rocha Pombo, narrados em primeira pessoa, têm em comum a experiência da clausura e da solidão em espaços fechados, propícios à introspecção, ao desabrochar da memória e à autoconsciência.

A literatura produzida no Brasil do período que vai da Proclamação da República aos anos 1930, incluindo a chamada literatura pré-modernista, é eclética em seus procedimentos estéticos, marcada por um tratamento que ora acentuou princípios realistas/naturalistas, ora concepções simbolistas/impressionistas da arte literária.

No âmbito da poesia, é nesse período que Cruz e Sousa publicou os livros *Broquéis e Missal*, ambos em 1893; Alphonsus Guimarães, *Dona Mística* em 1899; Eduardo Guimaraens, *Caminho da Vida*, 1908. Esses poetas estão entre os 131 simbolistas apresentados por Andrade Muricy na obra *Panorama do Movimento Simbolista brasileiro*, em dois volumes⁶. O próprio Muricy escreveu, na década de 1920, o romance *A festa inquieta* (1926), de linhagem introspectiva, cujo protagonista se situa nas montanhas da Suíça em tratamento para combater a tuberculose e, encerrado na clínica, tece reflexões sobre o sentido da existência. Esse romance emprestará parte de seu título à *Revista Festa*, do Rio de Janeiro, canal de difusão das ideias da corrente espiritualista e universalista do modernismo brasileiro. O termo “Festa” no título do romance de Muricy refere-se à festa do Espírito e alude às inquietudes do protagonista a respeito do sentido da vida, da temporalidade e da morte.

Todos esses romances de caráter introspectivo são precursores dos procedimentos narrativos de Cornélio Penna, Cyro dos Anjos, Graciliano Ramos (sobretudo em *Angústia*), Lúcio Cardoso (a partir de *Luz submersa*), na década de 1930, e de Clarice Lispector, Lygia Fagundes Telles nas décadas seguintes, entre outros escritores que, juntos, formam uma história do romance de introspecção no Brasil. Nessas narrativas, as experiências nos espaços fechados ou isolados são propícias ao desdobramento do sujeito sobre si mesmo, ao desencadeamento da memória e ao mergulho no psiquismo, bem como a digressões filosóficas, que aproximam, em muitas passagens, o romance do ensaio.

Percebe-se, portanto, neste recorte temporal – o da Primeira República, quando o País tenta encontrar outro *modus faciendi* político-social – a presença simultânea de obras ficcionais de teor realista, com debates sobre questões morais, direitos humanos, o lugar da mulher na sociedade brasileira, as diferentes etnias brasileiras, questões políticas, e de obras com teor místico, intimista, trilhando o caminho no qual se inserirão mais tarde outros escritores.

6 Cf. MURICY, Andrade. *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro*. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1987. 2 vol.

O grupo de pesquisa, do qual a Anna Faedrich fez parte, na graduação e Especialização em Literatura Brasileira (UFRGS) e, depois, durante o mestrado e doutorado (PUCRS), voltou-se para obras já consagradas e outras pouco estudadas pela crítica, verificando como essas obras repercutiram no Brasil as rupturas com o Realismo, o diálogo dos escritores brasileiros com as estéticas do final do século XIX, sobretudo a simbolista, o significado do espaço nas narrativas e sua relação com processos subjetivos e os procedimentos de linguagem que serão retomados por outros escritores brasileiros nas narrativas de exploração da subjetividade.

Durante a pesquisa, chegamos ao nome de Albertina Bertha, até então desconhecido para nós, através de *Impressões de leitura*, de Lima Barreto. No início do século XX, muitos escritores enviavam originais a Lima Barreto, porque ele demonstrava grande interesse por autores estreados e tecia comentários críticos sobre eles e suas obras na imprensa. Com Albertina Bertha não foi diferente, conforme o seu artigo intitulado “Estudos”, publicado primeiramente na *Gazeta de Notícias*, do dia 26 de outubro de 1920:

A Sra. D. Albertina Berta é um dos mais perturbadores temperamentos literários que, de uns tempos a esta parte, têm aparecido entre nós.

Muito inteligente, muito ilustrada mesmo, pelo seu nascimento e educação, desconhecendo do edifício da vida muitos dos seus vários andares de misérias, sonhos e angústias, a autora do *Exaltação*, com auxílio de leituras de poetas e filósofos, construiu um castelo de encantos, para o seu uso e gozo, movendo-se nele soberanamente, sem ver os criados, as aias, os pajens e os guardas.

Do alto do seu castelo, ela percebe as casas dos peões e homens d'armas, lá embaixo, rasas como o solo, e só a flecha da igreja do burgo se ergue um pouco acima dele. Ela não lhe adivinha os obscuros alicerces robustos.⁷

Neste artigo, Lima Barreto destaca o pertencimento de Albertina Bertha a uma elite social e cultural, condição que lhe dificultava avaliar “os andares da miséria”. Mas Lima Barreto comenta predominantemente o livro *Estudos* (1920) que reúne conferências da escritora, entre as quais o seu ensaio sobre do filósofo alemão Friedrich Nietzsche. Lima Barreto contrapõe-se às opiniões da autora a respeito desse filósofo, cujas ideias, segundo ele, exaltariam “a brutalidade, o cinismo, a amoralidade, a inumanidade e, talvez, a duplicidade”.

7 LIMA BARRETO. Estudos. In: *Impressões de leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1961, p. 117.

Em contrapartida, Brito Broca, em *A vida literária*, ao tecer comentários sobre a repercussão da obra de Nietzsche na criação literária do início do século, no Rio de Janeiro, contrapõe o romance *Assunção* (1911), de Goulart de Andrade, a *Exaltação*, de Albertina Bertha⁸. Observa o autor que críticos contemporâneos dos dois escritores consideraram que o romance de Bertha teria dado uma resposta ao do autor Goulart de Andrade, já que as protagonistas dos dois romances responderiam de forma diversa às interdições da relação amorosa fora do matrimônio, ou seja, adúltera. Em *Assunção*, a personagem Marta, de acordo com o crítico Barbosa Sobrinho, mostra-se uma mulher inteligente a quem “não interessam as convenções sociais; despreza o julgamento público ou até mesmo deseja enfrentá-lo e combatê-lo. De acordo com o voto de Nietzsche, estava sua alma liberta de toda obediência, de toda genuflexão e de todo servilismo”⁹. Por sua vez, Ladice, protagonista de *Exaltação*, compadecida com o sofrimento da esposa de seu poeta amado, renuncia a esse amor e suicida-se. Com esse desfecho, “Ladice teria dado assim uma réplica a Marta, a heroína de Goulart de Andrade. O sentimento, o espírito de renúncia ante a dor alheia desta vez superava a ética de Nietzsche”¹⁰

Para Faedrich tanto em *Exaltação* quanto em *Assunção*,

o adultério é o desencadeador dos conflitos internos das personagens, as quais também sentem a necessidade de voltarem para si mesmas, para o seu íntimo, em busca de autocompreensão. E as personagens femininas, que conquistam espaço nessas narrativas de exploração da subjetividade, têm em comum características extremamente favoráveis ao traço de um perfil: a inteligência, a cultura e a força. Mesmo quando não são as protagonistas do romance, elas assumem papel importante na narrativa e revelam uma nova postura da mulher face à sociedade¹¹.

Já durante o mestrado, Anna Faedrich conseguiu estabelecer contato com a família de Albertina Bertha, em especial com a bisneta Beth Stockler. Do encontro resultaram bons frutos, que contribuíram para a pesquisa histórica de levantamento de dados biográficos da autora, fotos inéditas, histórias familiares, objetos pessoais, manuscritos etc.

Durante alguns anos, o nosso projeto de reedição do romance ficou guardado na gaveta. E, portanto, com satisfação que compartilhamos esta obra, que foi reedita-

8 Zahidé Muzart também destaca esta informação de Brito Broca no estudo citado.

9 LIMA SOBRINHO, apud BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. 5ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio: Academia Brasileira de Letras, 2005, p. 168

10 Idem, p. 169.

11 FAEDRICH, Anna. *O romance de introspecção no Brasil: o lugar de Albertina Bertha*. Dissertação (Mestrado em Letras), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009, p. 86.

da seis vezes no Brasil, sendo a última datada de 1931. Nesta edição crítica, resultado de parceria entre a Fundação Biblioteca Nacional e a Gradiva Editorial, o leitor encontrará o romance na íntegra, com revisões do novo acordo ortográfico, notas de rodapé e uma introdução.

Ana Maria Lisboa de Mello (PUCRS)